

CONTRA «NUMERUS CLAUSUS» E «PRESCRIÇÕES ENCAPOTADAS»

ALUNOS DE LETRAS PROTESTAM COM GREVE

A greve encetada hoje pelos estudantes das Faculdades de Letras de todo o País e pela Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa registou uma adesão insignificante. Os alunos protestam contra o processo de reestruturação dos currículos para a via de ensino, cuja fase de transição, de cinco anos, prevê a instauração de «numerus clausus» para acesso aos dois últimos anos agora criados para formação pedagógica. Os estudantes sustentam ainda que no regime de transição estão patentes «prescrições e precedências encapotadas», segundo informou a «A Capital» Luís Silva, da Comissão Coordenadora da Reestruturação da Faculdade de Letras de Lisboa.

Esta manhã poucos alunos compareceram em Letras, já que na maior parte das turmas não existia o número suficiente de estudantes para o seu funcionamento (10 no mínimo). Segundo informações prestadas ao nosso jornal as salas do pavilhão central da Faculdade de Letras de Lisboa encontravam-se completamente vazias.

Responsáveis pelo processo enfrentaram que está prevista para as cinco da tarde uma assembleia geral de alunos, para apreciação de propostas alternativas e para a elaboração de eventuais acções futuras. Aventura-se a hipótese de, a manter-se a actual situação, os alunos deliberarem o boicote às avaliações de Fevereiro. A paralisação envolve cerca de 14 500 alunos dispersos pelas Faculda-

des de Letras de Lisboa, Porto e Coimbra e Universidade Nova de Lisboa.

«Não estamos contra a reestruturação dos cursos mas sim contra o esquema de transição proposto pelo Ministério», esclarece Luís Silva.

O regime de transição agora suscitado nas faculdades de letras implica a criação de dois anos suplementares de formação pedagógica e «estágio». «O problema reside no facto de o acesso a esses dois anos estar condicionado a «numerus clausus»», afirma Luís Silva.

A reformulação dos cursos das Faculdades «clássicas» de Letras visa a equiparação com os actualmente ministrados nos Centros Integrados de Formação Pedagógica (Cilopa), estabelecimentos directamente vocacionados para a formação de docentes.

«Licenciatura de segunda»

A formação pedagógica assume extrema importância nos cursos de Letras, pois as salas profissionais relativas resumem-se praticamente ao ensino.

Os alunos cujo acesso aos dois anos suplementares é vedado pelo critério de «numerus clausus» ficam — no entender dos grvistas — com «uma licenciatura de segunda», já que ficam em desvantagem com os alunos que dos Cilopa, quer dos que conseguiram o acesso aos dois anos suplementares do período de transição.



Luís Silva, da comissão coordenadora da reestruturação da Faculdade de Letras de Lisboa, afirma que «a greve envolve cerca de 14 500 alunos»

Outro dos pontos de desagrado é a existência de «prescrições e precedências encapotadas» no regulamento da fase de transição, da Direcção-Geral do Ensino Superior.

Segundo o diploma, a que «A Capital» teve acesso, o 6.º ano (primeiro do período suplementar) não pode ser repetido mais

que uma vez. «Isto não é mais que uma prescrição», afirma peremptoriamente Luís Silva.

No ponto 12.4 do referido documento afirma-se que as inscrições para o 5.º ano serão abertas pela última vez, no ano lectivo de 1991/92, o que também é considerado pelos estu-

dantes em greve como prescrição.

Quanto às precedências, tão contestadas pelos universitários, «elas estão bem patentes no ponto 9.9 do documento». Com efeito, condiciona-se aí o ingresso no 2.º ano suplementar ao aproveitamento em todas as disciplinas.

Conflito - estudantes